

TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS: AS BIOGRAFIAS NA HISTORIOGRAFIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO*

*Benito Bisso Schmidt***

Em 1904, quando do quadragésimo aniversário da A.I.T. (Associação Internacional dos Trabalhadores), no momento em que uma primeira geração do movimento operário cedia lugar a novos militantes, G. Jaeckh descreveu deste modo a função do historiador social-democrata: “(...) é essencial para o progresso e o sucesso do movimento que os jovens substitutos adquiram um conhecimento íntimo do contexto, com as lutas e vitórias de seus ancestrais espirituais e dos pioneiros, a fim de saber em que terreno histórico se situam e lutam”.¹

Como salienta Georges Haupt, tal proposta em si não é condenável. A distorção ocorre na forma “(...) pela qual esta história-tradição é reconstituída e utilizada, no momento em que substitui a história real e viva por ‘lendas de partidos enraizados’, e onde o historiador se consagra à produção de mitos (...)”. Uma história com conteúdo fundamentalmente ideológico: “ela consiste em forjar a coesão, em demonstrar a continuidade, em perpetuar as lendas oficiais que servem de referência e que ocupam o lugar da explicação”.²

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada na mesa-redonda “*Personagens e instituições do movimento operário brasileiro na I República: novos olhares para velhos objetos*”, no XIX Simpósio Nacional de História “*História e cidadania*”. Belo Horizonte, 21 de julho de 1997.

** Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1 Apud Haupt, G. “Por que a história do movimento operário?”. *Revista brasileira de história: produção & transgressões*. São Paulo, v. 5, nº 10, março/agosto 1985, pp. 208-231.

2 Haupt, G., op. cit., pp. 214-215.

Praticada por historiadores-militantes ou simpáticos à causa operária, longe portanto das academias, este viés concede um espaço importante ao estudo das trajetórias dos “grandes líderes”, daqueles que podem servir como exemplo à classe trabalhadora.³

Na historiografia brasileira do movimento operário é possível encontrar até hoje inúmeros exemplos desta tendência. Citarei dois trabalhos recentes que tratam do Rio Grande do Sul, bastante ilustrativos da mesma: *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*, do jornalista João Batista Marçal, e *Carlos Cavaco: a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*, do também jornalista Ivo Caggiani, ambos publicados em 1986.

Marçal esclarece, já na orelha do livro, os objetivos de seu trabalho. Segundo ele,

(...) acho que a classe operária deve conhecer e reverenciar os seus heróis e mártires, aquelas figuras que ao longo da luta de classes tombaram para que continuássemos de pé. A burguesia não tem seus heróis? Pois a classe operária também tem. Aqui alguns deles.⁴

Percebe-se assim que, apesar da referência a um conceito marxista (luta de classes), a interpretação do autor, mesmo que com signo contrário, é idêntica à da historiografia tradicional, destacando sobretudo os “grandes homens”, que constroem e dão rumo à história.

Caggiani também parte desta perspectiva para narrar a vida do “tribuno popular” Carlos Cavaco, militante socialista com atuação destacada em Porto Alegre:

Socialista vermelho, agitador, panfletário, inimigo da ordem, perigo para a sociedade. Assim era combatido Carlos Cavaco, porque a sua pena e a sua palavra estavam dedicadas à nobre causa da defesa do proletariado, que era explorado, asfixiado, esmagado, injustiçado, escravizado; porque não se conformava com os disfarces, com as máscaras usadas nas sociedades de todos os tempos e amparava aos que sofriam com a minguada de justiça e aos que feneciam à falta do calor reconfortante do direito.⁵

3 Estou traçando um panorama genérico da historiografia do movimento operário, o que me leva a cometer simplificações e exclusões. Não poderia, contudo, deixar de salientar que diversas biografias de boa qualidade foram elaboradas por historiadores-militantes, cujos trabalhos escaparam da simples exaltação dos líderes. Por exemplo, o trabalho de Franz Mehring sobre Marx, de 1918 (ver Haupt, G., op. cit., pp. 216-7) e os conhecidos livros de Isaac Deutscher sobre Stalin e Trotsky.

4 Marçal, J. B. *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*. Porto Alegre, Tchê!, 1986.

5 Caggiani, Ivo. *Carlos Cavaco: a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*. Porto Alegre, Martins Livreiro Ed., 1986.

Enfim, os dois biógrafos celebram os *heróis* do operariado, dignos de servirem de modelo para os companheiros de classe. Interessa a estes autores os “feitos notáveis” dos personagens enfocados, dispostos em uma narrativa que reforce a bravura e a abnegação dos mesmos.

Por outro lado, há mais ou menos quatro décadas, a história do movimento operário ganhou cidadania acadêmica. No Brasil, parece-me que este processo, mais tardio, foi obra, inicialmente, de sociólogos e depois de historiadores que, preocupados com a “incompletude” ou a “debilidade” da nossa classe operária, buscaram no passado as origens de tal problema. Quero dizer com isso que a história do movimento operário foi incorporada nas nossas universidades sobretudo a partir de uma ótica estruturalista, interessada em “questões mais amplas” como a realização do capitalismo no país, a questão da dependência, o processo de industrialização, etc.

Obviamente que este enfoque deixa de lado as biografias como perspectiva de análise, pois prioriza as determinações estruturais e o movimento dos sujeitos coletivos (as classes sociais).

Cito outro exemplo do Rio Grande do Sul, cuja produção historiográfica conheço melhor, para ilustrar tal tendência acadêmica: a dissertação de mestrado de Sílvia Regina Ferraz Petersen intitulada *El proletariado urbano en Rio Grande do Sul, 1888-1919*, defendida em 1977 na Universidade Nacional Autónoma do México. Nela, a autora busca “(...) definir as características da classe e de sua atuação” no mencionado período.⁶ Para tanto, analisa inicialmente as condições infra-estruturais do surgimento do proletariado: o desenvolvimento das forças produtivas e a natureza das relações de produção no Brasil e no Rio Grande do Sul. A seguir, trata das condições superestruturais, examinando os aspectos político-jurídicos e ideológicos. Neste último ponto aborda “a expressão ideológica do grau de desenvolvimento da consciência de classe do proletariado brasileiro e gaúcho” e as “formas de organização e atuação do proletariado urbano gaúcho”: as instituições, os congressos e partidos políticos, as greves, as comemorações do primeiro de maio e a “subcultura operária”.

Nesta obra pioneira no estudo acadêmico da história do movimento operário gaúcho, marcada pelas preocupações teóricas presentes no contexto de sua produção, pouco se fala de indivíduos. O foco de Petersen recai sobre as grandes estruturas para, por

6 Petersen, S. R. F. *El proletariado urbano en Rio Grande do Sul, 1888-1919*. México, U.N.A.M., 1977.

meio delas, explicar a trajetória do proletariado rio-grandense. Os nomes próprios aparecem apenas para compor listas ilustrativas de explicações mais gerais. Por exemplo:

O fato de que as organizações operárias principais se organizaram segundo o princípio da manutenção de sua autonomia, que não houve uma estrutura vertical rígida, torna difícil rastrear nelas os núcleos predominantes, de modo que nos limitaremos a apontar os nomes dos militantes que aparecem com mais frequência ao longo do período. É ao redor da F.O.R.G.S. [Federação Operária do Rio Grande do Sul] que estes elementos se projetam, e fazem sua trajetória.

Embora esta lista não seja completa e o critério de sua elaboração seja discutível, pensamos que pode servir para uma futura investigação e ampliação dos dados com respeito ao movimento operário gaúcho [segue uma lista com 22 nomes].⁷

A “futura investigação” proposta pela autora só começou a se desenvolver de forma mais consistente na historiografia brasileira a partir de meados da década de 80, quando verificou-se uma profunda renovação dos estudos sobre a classe operária no país. Foge dos limites desta comunicação explicar as razões de tal processo. Limitar-me-ei a mencionar o impacto causado pela divulgação, em nosso meio universitário, das obras dos historiadores britânicos de inspiração marxista E. P. Thompson e E. Hobsbawm. Thompson, sobretudo, contestando o marxismo estruturalista de corte althusseriano, abriu caminho para o resgate das experiências individuais como constitutivas do “fazer-se” da classe operária. Cito uma passagem do famoso “Prefácio” de *A formação da classe operária inglesa*, lançado em 1963 e publicado no Brasil apenas em 1987, que ilustra este posicionamento:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do ‘obsoleto’ tear manual, o artesão ‘utópico’ e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais.

7 Petersen, S. R. F., op. cit., p. 132.

O autor procurou mostrar, enfim, que a formação da classe operária constitui-se em um “(...) processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos”.⁸ E é justamente para a “ação humana” que diversos historiadores do operariado se voltaram nos últimos anos e, neste sentido, pode-se compreender o interesse dos mesmos pelas trajetórias individuais.

Como mencionei antes, o estudo da vida dos militantes destacados é bastante comum na historiografia não-acadêmica do movimento operário. Porém, acredito que muitas biografias produzidas recentemente nas universidades podem ser consideradas “novas” pois, apesar de retomarem um gênero “velho”, o fazem a partir de um olhar inovador.

Para demonstrar esta hipótese, vou analisar um conjunto de cinco trabalhos produzidos originalmente nos cursos de pós-graduação do país entre 1983 e 1996, tentando detectar nos mesmos os aspectos que considero realmente novos em relação às biografias tradicionais. São eles: *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*, de Miriam Moreira Leite; *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*, de Alexandre Hecker; *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*, de Regina Horta Duarte; *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*, de Maria Elena Bernardes e a dissertação de minha autoria, intitulada *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*.⁹

Os trabalhos de Duarte, Hecker e Schmidt analisam, respectivamente, as trajetórias de um militante anarquista (Avelino Fóscolo) e de dois socialistas (Antonio Piccarolo e Antônio Guedes Coutinho). Já o de Bernardes examina a biografia de Laura Brandão e sua militância comunista. Finalmente, Leite resgata o pensamento e a ação de Maria Lacerda de Moura que, preocupada sobretudo com a condição feminina, manteve uma

8 Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pp. 13 e 9, respectivamente.

9 Leite, M. M. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo, Ática, 1984; Hecker, A. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1988; Duarte, R. H. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas, Pontes/Ed. da UNICAMP, 1991; Bernardes, M. E. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Dissertação de mestrado. Campinas, CPG em História da UNICAMP, 1995, e Schmidt, B. B. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, CPG em História da UFRGS, 1996.

A partir de agora, ao citar trechos destes trabalhos, limitar-me-ei a indicar, no corpo do texto, as páginas de onde os mesmos foram retirados.

certa aproximação com anarquistas e socialistas. Temporalmente, todos os personagens biografados tiveram sua atuação mais destacada no período da República Velha. Cabe salientar ainda que os estudos mencionados tratam de indivíduos destacados no âmbito do movimento operário e que, por isso mesmo, deixaram registros mais abundantes de suas ações. Neste sentido, é pertinente a advertência de Hobsbawm, de que a história das classes trabalhadoras não pode ser subsumida "(...) à das organizações, o mesmo acontecendo com relação às bases, enquanto distintas de seus líderes".¹⁰ Com isso, quero deixar claro que analisarei biografias de militantes e não de operários "comuns".

O primeiro aspecto que me parece novo nesses estudos é o objetivo a que os mesmos se propõem. Nenhum deles visa o enaltecimento dos líderes operários, a transformação dos mesmos em heróis modelares para o conjunto da classe. Miriam Moreira Leite, por exemplo, afirma que seu trabalho

(...) não pretende seguir a linha apologética dos autores do século XIX, que, ao entoar uma oração fúnebre, tinham o duplo propósito de perpetuar a memória e inculcar a virtude pelo exemplo do morto (p. viii).

Os historiadores citados buscam, pelo contrário, compreender questões mais amplas da história operária e, para tanto, "usam" seus personagens como microcosmos dos problemas investigados. Assim, Alexandre Hecker procurou "desvendar os caminhos trilhados" pelo italiano Antonio Piccarolo, visando, entre outras coisas, compreender

(...) as relações entre as propostas socialistas tal como foram geradas originalmente, isto é, o socialismo italiano, e as propostas possíveis na realidade brasileira da República Velha. Neste sentido, a trajetória de Antonio Piccarolo é um *modelo eficaz* até mesmo do ponto de vista pessoal: dos muitos anos que viveu, passou 40 na Itália e outro tanto no Brasil (p. 2, grifo meu).

Bernardes, igualmente, revela que sua motivação para escrever sobre Laura Brandão

(...) não foi somente por aquilo que ela tinha de excepcional na sua experiência de comunista. Busquei também a possibilidade de, *através de sua trajetória pessoal*, entender um pouco a história do tempo em que viveu (...) (p. 18, grifo meu).

10 Hobsbawm, E. J. "História operária e ideologia". In: *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Em ambos os casos, as trajetórias individuais examinadas oferecem um ângulo de visão a partir do qual torna-se possível revelar dimensões de problemas maiores — a “aclimatação” do socialismo italiano no Brasil ou o entendimento de uma determinada época histórica —, não perceptíveis em um enfoque macroscópico. Coloca-se aqui a questão da escala de observação, fundamental para os estudos biográficos em particular e micro-históricos em geral. Como ressalta Giovanni Levi, “para a micro-história, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado”. E ainda: “o princípio unificador de toda a pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”.¹¹

Além disso, estes autores procuram pensar a relação entre as biografias analisadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma “via de mão dupla”, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo “a vida dos grandes líderes”), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas mais ortodoxas).

Neste sentido, tomo como exemplo o estudo de Leite sobre Maria Lacerda de Moura no qual, por um lado, a autora considera a personagem como alguém que representa ou “exprime” um determinado contexto ou classe. Diz ela:

“é possível pensar em Maria Lacerda de Moura (...) como alguém que exprimiu a crise de um sistema social tentando apresentar soluções educacionais e ruralistas, em comunidades agrícolas, para as condições da vida urbana e moderna das décadas de 20 e 30” (p. xiv). Ou então: “além de algumas das adesões políticas dessas camadas médias (...) é pouco o que se sabe sobre elas. Esquecidas também pelo saber dominante, elas se exprimem, em parte, através do pensamento e da obra de Maria Lacerda” (pp. xiv-xv). Contudo, por outro lado, Leite aponta para “(...) a dificuldade de enquadrar Maria Lacerda entre as coordenadas sociais, políticas e históricas previamente conhecidas (...)” (p. vi) e a caracteriza como uma rebelde (pp. xii-xiii). Termina por afirmar que “(...) como as peculiaridades pessoais são inegáveis, elas só poderiam ocorrer em determinadas condições sociais” (p. xiii).

Na mesma linha, Bernardes afirma: “Laura em muitos aspectos foi representativa de sua geração, e em outros foi excepcional” (p. 82).

11 Levi, G. “Les usages de la biographie”. *Annales, E. S. C.*, Paris, Armand Colin, 44^e année, número 6, nov.-dec. 1989.

Enfim, penso ser importante destacar que uma das questões teóricas centrais colocadas por essas biografias é a necessidade de se recuperar a *tensão*, e não a oposição, entre o individual e o social, entre o pessoal e o contextual.

Pode-se perceber ainda que, nas pesquisas mencionadas, os autores procuram resgatar facetas diferenciadas dos personagens e não apenas, como nos trabalhos tradicionais, a vida pública e os feitos notáveis dos mesmos. Assim, emergem em seus textos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a dimensão privada e o cotidiano. Maria Elena Bernardes, por exemplo, buscou reconstruir a trajetória da militante Laura Brandão:

(...) investigando como viveu suas experiências no feminino, sua condição de mulher de vanguarda, sua militância política, percebendo em que medida sua atuação na vida pública influenciou ou alterou sua vida privada e vice-versa.¹²

Em algumas biografias tradicionais também é possível encontrar referências ao mundo íntimo dos líderes operários. Assim, o já citado Ivo Caggiani menciona que o militante socialista gaúcho Carlos Cavaco "(...) foi um grande seresteiro (...) e por longos anos prendeu o seu destino ao violão, que ele chamava de 'alma de seis cordas'"¹³. Porém, em trabalhos como este, parece-me que a recuperação dos aspectos privados e cotidianos não tem função analítica, servindo mais para compor o "clima da época" e dar um sabor pitoresco à narrativa. Já nas "novas biografias", pelo contrário, tais questões ajudam a explicar o personagem, suas motivações e sua atuação em um determinado contexto. Neste sentido, Bernardes tem a preocupação de "olhar o cotidiano como uma lente que adentra as classes sociais, tentando perceber as relações entre vida comum e os movimentos da história."¹⁴

Da mesma forma, em meu estudo sobre Antônio Guedes Coutinho, percebi que só poderia analisar com mais profundidade a sua atuação político-ideológica se levasse em conta a vida cotidiana do mesmo. Construí então a biografia do personagem a partir de quatro ângulos: a família, o trabalho, o estudo e a militância. Desta forma, pude

12 Bernardes, M. E., "Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política". *XII Encontro Regional de História: Cultura — Memória — Poder: Programa e Resumos*. Campinas, ANPUH/ Núcleo Regional de São Paulo, 1994. p. 44.

13 Caggiani, I., op. cit., p. 28.

14 Bernardes, M. E., op. cit.

compreender melhor, por exemplo, porque este socialista aderiu ao espiritismo kardecista, fato que está relacionado, simultaneamente, com a morte de sua filha Aurora, acontecimento do âmbito privado, e com as afinidades teóricas e práticas entre socialismo e kardecismo naquele período (cientificismo, evolucionismo, anticlericalismo, perspectiva de auxílio-mútuo, etc.).

Tais exemplos mostram que os líderes operários, como qualquer indivíduo, não podem ser devidamente compreendidos apenas a partir de sua militância, mas sim, citando Michel de Certeau, enquanto “um locus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem.”¹⁵

Chamo também a atenção para a estrutura narrativa presente em quase todos os trabalhos examinados (sobretudo nos de Duarte, Bernardes e Schmidt), na qual pode-se perceber uma significativa aproximação com a literatura. Para ilustrar esta idéia, cito um trecho do livro de Duarte sobre o anarquista mineiro Fóscolo:

Sentindo-se totalmente engajado num projeto revolucionário que se apresentava a seus olhos como de âmbito mundial, predomina no pensamento de Fóscolo a imagem da sementeira e sua auto-representação como um semeador, aquele que avalia o terreno onde lançará os grãos, buscando condições para seu desenvolvimento. Fóscolo vê em Taboleiro Grande [lugarejo mineiro] as condições do brotar revolucionário: um povo explorado, oprimido, o convívio cotidiano entre os operários da fábrica do Cedro e os que labutavam nas fazendas próximas. Nas cantigas ouvidas em suas bocas, no brilho dos olhos observado durante as consultas em sua farmácia, Fóscolo sentia a revolta muda cuja existência mostrava em seus romances (pp. 66-7).

Na citação percebe-se que a autora busca reproduzir o interior do personagem: seus pensamentos, fantasias, sentimentos e aspirações; recurso que até pouco tempo era considerado próprio da literatura e impensável na história. Ainda que partindo de registros documentais, Duarte inventa e introduz licenças poéticas no seu texto: “nas cantigas ouvidas em suas bocas, no brilho dos olhos (...), Fóscolo sentia a revolta muda (...)”¹⁶.

15 De Certeau, M. *The practice of everyday life*. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984.

16 Para reforçar tal idéia, cito outro trecho, este retirado da dissertação de Maria Elena Bernardes, que também apresenta um estilo marcadamente literário: “Parece invenção. Na verdade é uma ‘reinvenção’ da história que remexe o final do século dezenove e cujo início remete ao interior do Nordeste, mais precisamente num lugarejo de Alagoas, o Engenho do Hortelã. Na sede do engenho, numa casa branca, pintada a cal, com varanda e pilares, morava Jacinta. Na varanda, sob a brisa que balançava as palmeiras e o sol refletido na cristalina Lagoa Manguaba, iluminando os olhos com luzes de cores variadas, Jacinta conversa com o primo Domingos, que estava de visita, vindo do Recife” (p. 28).

Em outros trabalhos estes momentos de invenção aparecem sinalizados por expressões como “provavelmente”, “talvez”, “pode-se presumir”, etc¹⁷. Leite, por exemplo, ao abordar o contexto político de Barbacena, cidade onde Maria Lacerda de Moura iniciou sua militância, afirma que o fato desta última ter vivido uma

(...) situação de poder político baseado mais no prestígio de família que no equilíbrio de forças sociais *pode* ter fornecido elementos para o seu descrédito no sistema eleitoral vigente (p. 5, grifo meu).

Em minha dissertação, quando tratei da produção teatral de Antônio Guedes Coutinho, recorri a um artifício semelhante para marcar o espaço de invenção introduzido na narrativa:

Os espetáculos “fiscavam” os espectadores pelo coração. Não encontrei [nas fontes] nenhuma referência à encenação de “Antônio” [a peça] mas, num exercício de imaginação, *é possível* pensar que a história tenha despertado no público sentimentos como a raiva contra a exploração capitalista (...) e a esperança de um futuro melhor (...) (p. 163, grifo meu.).

Ou seja, tais exemplos mostram que, assim como o romancista, o historiador-biógrafo do movimento operário também pode utilizar-se da imaginação, desde que esta seja explicitada ao leitor enquanto tal e balizada pelas fontes disponíveis. Confirma-se, pois, a idéia de Levi, para quem “a biografia constitui (...) a passagem privilegiada pela qual os questionamentos e as técnicas próprios à literatura se colocam para a historiografia”.¹⁸

Por fim, gostaria de apontar, neste elenco de “novidades” presentes na produção recente de biografias de militantes, para a introdução, nas análises, de questões relativas às diferenças de gênero no interior do movimento operário.

Com isto, não quero dizer que as mulheres não tenham espaço nas biografias tradicionais. Por exemplo, no já referido trabalho de João Batista Marçal, *Comunistas gaúchos*, dos 31 militantes biografados, cinco são mulheres. Todas são louvadas pela

17 Cf. Ginzburg, C. “Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritmo de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis”. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.

18 Levi, G. “*Les usages de la biographie*”. *Annales, E. S. C.*, Paris, Armand Colin, 44^o année, número 6, nov.-dec. 1989, p. 1326.

sua bravura na luta contra a burguesia. Assim, a costureira Universina Torres Tatsch é caracterizada como “uma mulher sem medo” e a obra da poetisa Lila Ripoll desponta como uma “(...) estrela-d’alva anunciando o amanhã de um novo tempo”.¹⁹ Contudo, em nenhum momento são mencionados os conflitos e discriminações existentes no seio do próprio movimento.

Esta questão está presente em três das “novas biografias” examinadas: nos trabalhos de Leite e Bernardes a condição feminina das personagens direciona a análise; já em minha dissertação as diferenças de gênero aparecem como um dos componentes explicativos da trajetória de Antônio Guedes Coutinho.

Raquel Soihet, ao apresentar os estudos recentes sobre história das mulheres, classifica o trabalho de Leite no enfoque “ação e luta das mulheres” e, mais especificamente, na vertente preocupada em rastrear as precursoras dos movimentos feministas. Diz Soihet que a pesquisadora em questão

(...) ressalta as reflexões de Lacerda de Moura sobre os diversos aspectos da condição feminina, assim como suas avançadas posições, similares em muitos aspectos às das feministas a partir da década de 1960. Tal aspecto, aliado ao seu aguçado espírito crítico, manteve-a numa posição algo marginal, afastando-se do movimento [sufragista] hegemônico na época, liderado por [Bertha] Lutz.²⁰

Esta singularidade das posições da personagem biografada acabou afastando-a também dos movimentos socialista e anarquista, dos quais se aproximou por algum tempo.

Já Bernardes busca “(...) revelar que a invisibilidade em que as mulheres foram colocadas é o resultado das relações de gênero que definiam a predominância masculina na estrutura partidária (...)” (p. 21).

Finalmente, em meu trabalho, ao analisar a vida familiar de Coutinho, procurei mostrar que, embora o mesmo tenha contestado em seus escritos determinados aspectos da família patriarcal (o casamento institucional e religioso e a idéia de uma inferioridade natural da mulher), no seu dia-a-dia vigoravam algumas práticas e representações próximas daquele modelo familiar (a convicção de que o homem deve sustentar sua família, por exemplo). Tentei explicar este fato, salientando a “(...) a força da repetição e do

19 Marçal, J. B., op. cit., pp. 129 e 113, respectivamente.

20 Soihet, R. “História das mulheres”. In: Cardoso, C. F. e Vainfas, R. (orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

automatismo na vida cotidiana, em que os valores consuetudinários dominantes tendem a naturalizar-se, obstaculizando a transformação da mesma” (p. 76).

Para encerrar, espero que este texto tenha sensibilizado os pesquisadores da história operária para as potencialidades da biografia, no sentido de possibilitar uma compreensão mais enriquecida das lutas e da cultura desta classe. Contudo, como tentei deixar claro, a simples apropriação de um gênero “da moda” não constitui por si só uma novidade. Afinal, quando se examina o conteúdo de diversas biografias de militantes operários produzidas recentemente, percebe-se que muitas questões “velhas” ainda estão presentes: o destaque para os “grandes líderes” e para os “feitos notáveis”, por exemplo. Como ressalta Petersen, “algumas vezes o novo traz o contrabando do velho, ou seja, concepções que têm sido criticadas conseguem escapar à crítica, infiltrando-se nas novas formas de pensar a história”.²¹

Aponte aqui para alguns aspectos que considero realmente novos em uma parcela desta produção recente: a idéia de se encarar a biografia como uma “via de acesso” para a compreensão de questões mais gerais da história operária, a tentativa de recuperar a tensão entre o individual e o social, a preocupação em resgatar facetas diversas dos personagens biografados, o estilo mais literário da narrativa e a introdução da problemática de gênero em certos trabalhos.

Refletindo sobre tais questões, ou sobre outras semelhantes, talvez os historiadores-biógrafos possam lançar um olhar realmente inovador sobre a história do movimento operário, demonstrando que este “velho” objeto ainda pode oferecer muitas contribuições para o avanço do conhecimento histórico em geral.

21 Petersen, S. R. F. “Algumas interrogações sobre as tendências recentes da historiografia brasileira: a emergência do ‘novo’ e a crítica ao racionalismo”. *LPH: Revista de História*, v. 3, nº 1, 1992.